

## JOINVILE

Estão banquetando o governador Bornhausen em Joinville porque ele veio inaugurar uma linha de transmissão e novas instalações de uma usina que permitem ao município e à zona sair do triste regime de racionamento da energia elétrica que vinha mortificando seu povo e atrasando sua indústria há quase dez anos. Mas o próprio governador e o representante das classes governadoras reconhecem, em seus discursos, que isso que se faz não chega: serão precisas outras grandes obras, ainda mais caras, para que dentro em pouco não volte a haver fome de energia. Joinville sofre do mesmo grande mal de todo o Brasil; e aqui e em Blumenau, zonas industriais, é de dois males, porque atrapalha diretamente o progresso da terra e a vida de cada cidadão.

E o problema da energia não se resolve sem ajuda federal, quanto ao dos transportes, o governador fala claro: dinheiro não há. Se as classes produtoras quiserem, que inventem um jeito, como já se fez em outros Estados, de custear a abertura e pavimentação de estradas; o dinheiro assim empregado volta. O governador sabe que a cidade está um tanto amuada consigo porque ele vetou o projeto que criava um ginásio estadual em Joinville. Explica: vetou porque não era justo dar o ensino secundário gratuito a este município e não dar a outros. Como não há dinheiro para todos, o remédio é arrumar umas bolsas para os melhores alunos dos cursos primários.

Esse tipo de homenagem que, afinal, é uma discussão entre o governo e os particulares, acontece em zonas como esta, em que há um certo nível geral de riqueza, em que existe o camponês médio e o industrial médio — a pequena burguesia, ciosa de seus direitos, ufana de suas iniciativas. Nas zonas pobres, ou dominadas por alguns ricos, as homenagens oficiais são apenas má literatura: agradecimentos e choradeira.

Alguém — acho que o simpático Volney, presidente da Assembléia Estadual — me chama a atenção para as janelas das casas de Joinville: apenas vidraça e cortina, nada de venezianas, grades ou janelas de pau. Uma cidade pacata e honesta, sem ladrões; uma cidade que atravessa anos sem saber o que é um crime de morte. Não é difícil ligar isso à ausência de miséria, de casebres, de gente faminta e descalça, de favelas, de cortiços. A metade da população é de operários, mas eles têm aqui um nível de vida pelo menos decente.

Há um belo renque de palmeiras imperiais e no fundo um sobradinho empeticado que os senhores príncipes de Joinville construíram, mas onde nunca vieram morar. Na parede da sala de jantar há um retrato, em litografia, feito há mais de cem anos, da senhora dona Francisca, princesa de Joinville. O corpo está de lado — a cintura breve, a curva graciosa do pescoço e do busto, e ela volta para nós o rosto fino. Há flores nos cabelos repartidos ao meio, a boca é pequena, os olhos são grandes e azuis. Pelo menos nesse retrato a irmã de Pedro II é linda como uma imagem. E sua graça juvenil abençoa a cidade que começou a viver tendo seu nome: Colônia Dona Francisca. A boa e burguesa Joinville cultiva com estranho carinho a lembrança de sua princesa distante, princesa quase de lenda — e chama sua rua principal — "Rua do Príncipe" — em homenagem ao príncipe magro, de barbas negras, que também nunca esteve aqui. R. B.

3017/153